

DESAFIOS E CAMINHOS POSSÍVEIS PARA O PROFESSOR DE INGLÊS NO PROCESSO DE ENSINO DE ALUNOS COM AUTISMO EM JANDUÍ-S-RN

Maria Das Graças Martins Morais
Prof^a. Ma. Mifra Angélica Chaves da Costa

RESUMO

O ensino de língua inglesa para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é desafiador para os professores da Educação Básica. O presente estudo teve como problema, quais as dificuldades e possibilidades dos professores de inglês para ensinar alunos com TEA? O objetivo geral investigar quais os caminhos e desafios possíveis para o professor de inglês que possui aluno com TEA na referida Escola Pública do Rio Grande do Norte (RN). Na perspectiva de proporcionar um ensino mais significativo para o educando. Para tanto, o nosso objetivo geral foi desdobrado nos seguintes objetivos específicos: Conhecer um pouco sobre educação inclusiva e autismo; analisar as dificuldades e possibilidades elencadas pelos professores de inglês para o aluno autista; viabilizar reflexões e proposições para o ensino de inglês de alunos com TEA. A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa e de campo. Os participantes da pesquisa consistem em dois professores: 1 de língua inglesa e 1 professora de Educação Especial. O corpus da pesquisa foi composto por dois questionários on-line, elaborados pela ferramenta do *Google Forms* e enviados via e-mail. Para dar sustentação teórica a pesquisa sobre o ensino de língua inglesa tivemos as contribuições de Leffa (2007); para enriquecer pesquisa de ensino inclusivo Mantoan (2003), Santos (2008), Fumegalli (2012), Antunes (2004). Para se fazer uma análise da metodologia, Severino (2007). Os resultados encontrados com a pesquisa foram reflexivos e colaborativos diante dos desafios de formas eficientes com o ensino de discentes com TEA no ensino de inglês. Descobrimos caminhos possíveis para inserir um ensino inclusivo propondo reflexões metodológicas quanto ao ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Transtorno do espectro autista; inclusão escolar; ensino de inglês; professor de inglês; educação básica.

POSSIBLE PATHS AND CHALLENGES FOR ENGLISH TEACHERS IN THE PROCESS OF TEACHING STUDENTS WITH AUTISM IN JANDUÍ-S-RN

ABSTRACT

Teaching English language to students with Autism Spectrum Disorder (ASD) is challenging for Basic Education teachers. The problem of this study was: what are the difficulties and possibilities for English teachers to teach students with ASD? The general objective is to investigate the possible paths and challenges for the English teacher who has a student with ASD in the aforementioned Public School in RN. With a view to providing more meaningful teaching for the student. To this end, our general objective was broken down into the following specific objectives: 1 Know a little about inclusive education and autism; 2 analyze the

difficulties and possibilities listed by English teachers for autistic students; 3 enable reflections and propositions for teaching English to students with ASD. The research methodology is qualitative in nature. The research participants consist of two teachers: 1 English language teacher and 1 Special Education teacher. The research corpus was composed of two online questionnaires, prepared using the Google Forms tool and sent via email. To provide theoretical support for my research on English language teaching, I used the contributions of Leffa (2007). to enrich my Inclusive teaching research Mantoan(2003), Santos(2008),Fumegalli(2012),Antunes(2004). To analyze my methodology, Severino (2007). He addressed important points. The results found with the research were reflective and collaborative in the face of the challenges of efficient ways of teaching students with ASD in English teaching. Discovering possible paths to insert inclusive teaching, proposing methodological reflections regarding teaching and learning.

Keywords:Autism spectrum disorder; school inclusion; teaching English; English teacher; basic education.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento do indivíduo que pode ser desafiador para o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa, mas isto não é determinante, haverá certamente a possibilidade do aluno com TEA aprender essa língua. Isso ocorre, porque o aprendizado de uma língua estrangeira envolve habilidades complexas, como a compreensão e a produção de linguagem, a interação social e a aprendizagem de novos conceitos.

O problema da pesquisa é oriundo do seguinte questionamento: quais as dificuldades e possibilidades dos professores de inglês para ensinar alunos com TEA? O objetivo geral de investigar quais os desafios e caminhos possíveis para o professor de inglês que possui aluno com TEA na Escola Pública localizada no município de Janduí.

Para tanto, os objetivos específicos são: Saber um pouco sobre educação inclusiva e autismo; analisar as dificuldades e possibilidades elencadas pelos professores de inglês para o aluno autista; viabilizar reflexões e proposições para o ensino de inglês de alunos com TEA. O corpus da pesquisa foi composto por dois questionários on-line, elaborados pela ferramenta de serviço *Google Forms* e enviados via e-mail.

Alunos com TEA, em alguns casos, podem ter dificuldades em desenvolver a comunicação e socialização, alguns possuem comportamentos repetitivos (estereotípias) e dificuldades de processamento sensorial. Na sala de aula, essas características precisam ser conhecidas, estudadas e consideradas pelo professor e toda equipe pedagógica, a fim de superar possíveis

barreiras como: dificuldade de compreensão das explicações do professor, a participação nas atividades em sala de aula, o estabelecimento de relações com os colegas e a aprendizagem de novos conceitos, mas com as devidas adequações os alunos com TEA podem aprender uma nova língua, como o inglês, por exemplo.

Professores de inglês que atuam com alunos com TEA podem enfrentar desafios, como a falta de conhecimento sobre as características do TEA, as dificuldades de adequação do currículo e de comunicação com os alunos. Para minimizar esses desafios, é importante que os professores de inglês tenham formação adequada sobre as características do TEA, que utilizem estratégias de ensino e comunicação adequadas para alunos com TEA e que trabalhem em parceria com outros profissionais internos e externos à escola, como: professora da Educação Especial de sala de aula, a profissional do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola e/ou com terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e psicólogos que acompanham o discente com TEA externo à escola.

Um dos maiores desafios da educação brasileira, atualmente, é assegurar que todos e todas tenham uma educação inclusiva, um ensino de qualidade nas escolas regulares. A partir dessa concepção analisamos que um dos maiores desafios vividos pelos professores de inglês do ensino básico das redes de ensino de Janduí-RN, é o de ensinar essa língua para alunos com autismo. A inclusão é bastante debatida na sociedade, porém é observado que as escolas inclusivas estão em processo, possuem algumas limitações, mas paulatinamente a inclusão está acontecendo. É notório que essas escolas necessitam de estrutura das escolas ao receber um aluno com deficiência, transtorno e/ou déficit, no município de Janduí/RN, a realidade ainda é bem complexa.

No capítulo IV da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) no Art.28. da (Lei nº 13.146/15) determina ao poder público garantir, acompanhar e avaliar se as pessoas que possuem algum tipo de deficiência estão sendo acolhidas pela comunidade escolar e sociedade geral.

O planejamento e a implantação de políticas educacionais para atender a alunos com necessidades educacionais específicas requerem domínio conceitual sobre inclusão escolar e sobre as solicitações decorrentes de sua adoção enquanto princípio ético político, bem como a clara definição dos princípios e diretrizes nos planos e programas elaborados, permitindo a redefinição dos papéis da educação especial e do lugar do atendimento desse alunado. (Mantoan, 2006, p.3)

A inclusão se faz necessária em qualquer ambiente que possa ser frequentado por qualquer cidadão, principalmente nas escolas. Em relação ao Ensino de Língua Inglesa para

alunos autistas, formação sobre TEA para todos que fazem à escola; percebemos a escassez de professores especializados na área; também faltam materiais didáticos que auxiliem na trajetória de aprendizado desses alunos, isso é mínimo, para que se tenha uma educação de qualidade, mas sabemos que as escolas estão gradativamente atendendo o que determinam as legislações.

Há cinco anos integro na referida Escola, onde estuda três alunos com TEA. Os discentes dispõem do auxílio de uma professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Porém, nesta pesquisa temos o recorte da realidade da sala de aula de uma discente com TEA da 2ª série do Ensino Médio. Tendo em vista a essa investigação, o trabalho se organizou a partir de alguns questionamentos centrais, tais como: *“Quais as metodologias mais adequadas para fazer esse ensino ser inclusivo e de qualidade?”* *“Quais os desafios e possibilidades do ensino de inglês para alunos com TEA?”*

O interesse em desenvolver essa pesquisa surgiu ao cursar uma disciplina “Atendimento Educacional em Classes Hospitalares”, acerca da educação de crianças em alguns hospitais da capital Natal/RN, onde tive o privilégio de uma aula ministrada pela professora Simone Maria da Rocha. Foram analisados os métodos de ensino e o entusiasmo dessas crianças quanto ao ensino. A experiência despertou o desejo em compreender melhor o ensino e aprendizagem dessas crianças hospitalizadas, a partir desses ensinamentos e com o despertar da inclusão e empatia para as diversas realidades que poderei encontrar numa sala de aula. Consequentemente, pensei em investigar sobre a formação de professor de inglês para ensinar alunos com alguma necessidade específica, aqui no caso, TEA. Assim, este estudo justifica-se pela necessidade de entender como ocorre o ensino de língua inglesa para alunos com TEA e quais as principais dificuldades enfrentadas e possibilidades pelo professor nesse processo.

A partir de um profundo e pessoal interesse, este estudo partiu da necessidade de analisar a abordagem em envolver práticas de ensino de língua inglesa para crianças com TEA, como também propor reflexão e novos métodos que estimulem a capacidade de aprendizagem dos alunos com TEA. Devido à afinidade pela área, acredito que o inglês pode trazer melhor aprendizagem.

Construir esse aprendizado em contexto de uma segunda língua é muito importante, podendo ter um grande desenvolvimento, principalmente quando se é iniciado pela infância, acredito que o ensino da língua inglesa deve fazer e ser parte integrante de todos os momentos da vida escolar dos alunos, desde o ato de brincar, na construção de vínculos sociais, até no desenvolvimento da comunicação e articulação de pensamentos.

Esperamos que essas dificuldades encontradas pelos professores de inglês, assim como os professores das demais disciplinas, desenvolva uma educação pedagógica específica para lidar com essas necessidades e com as demandas de ensino. Dessa forma, reforça a relevância de se repensar o ensino de inglês, a partir de métodos e práticas que estejam ligadas à inclusão desses alunos, por meio de um ensino pautado em interações significativas e críticas.

Na estrutura deste trabalho, no primeiro tópico abordamos estudos de alguns autores, no qual são expostos alguns conceitos sobre educação inclusiva, os desafios no processo de ensino e entre outros estudos que sustentam a nossa investigação. Logo mais adiante apresentamos um tópico com as orientações metodológicas, seguindo para o tópico de análise e discussão dos dados. Esse tópico terá como foco os dados que foram gerados a partir da nossa investigação. Por último, serão apresentadas algumas considerações finais e referências.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Realidade Teórico-Metodológica do Ensino da Língua Inglesa no Brasil

É bastante comum presenciarmos nos dias contemporâneos a concepção e discursos de que se aprende uma língua estrangeira por meio de exercícios de tradução, de análise de técnicas estruturadas, ou de apenas decorar regras gramaticais, porém sabemos que o ensino explícito da gramática se revela nos contextos de ensino de línguas. O cenário contido parece ter sofrido algumas mudanças nos últimos anos.

O primeiro pensamento é uma percepção da temática abordada no presente trabalho desenvolvida diante das dificuldades tanto por professores quanto por alunos no que tange ao ensino da Língua Inglesa na escola. Diante desse contexto, justifica-se pela necessidade de se investigar os possíveis desafios do ensino da Língua Inglesa e suas possibilidades no processo educativo visto que, de certo modo, há a necessidade de aprimoramento do ensino, de modo a assegurar aos estudantes a inquietação da qualitativa do idioma.

Por isso, a formação do profissional é fundamental para o atendimento dos alunos com necessidades específicas, com capacitação dos docentes trazendo estratégias pedagógicas para estes alunos aprenderem no seu ritmo e interagirem na escola.

A língua deve ser ensinada de forma compreensiva e de maneira simples de aprender para melhor compreensão, não distanciando das suas origens quanto a sua identidade e a sua cultura, procurando ganhar possibilidades de formação de diversos. (Bhabha, 1998, p. 20)

Apesar de tantos desafios, a Língua Inglesa vem despertando mais interesse de novos professores, se formalizando cada vez mais, alguns por exigências curriculares, outros por interesses próprios em se manterem atualizados e melhorando sempre seu desempenho em sala de aula, porém o despreparo de professores fica evidente quando se teve uma formação fragilizada na Educação Básica, visto que a graduação, na maioria das vezes, não alcança uma formação linguística de um futuro professor.

De acordo com Leffa (2008, p.12), “o professor de línguas estrangeiras é um profissional em formação contínua; precisa estar sempre se atualizando, não só para acompanhar um mundo em constante mudança, mas também para ser capaz de provocar mudanças”. Desta forma, entende-se que o professor que se permite buscar novos conhecimentos e os adquire é capaz de inovar sua forma de educar, acompanhando sobretudo os avanços do mundo globalizado, vale lembrar que a aprendizagem estará sempre em constantes mudanças.

Quando passamos a compreender a importância de debater sobre os desafios da língua inglesa entenderemos que é essencial identificar as dificuldades e os obstáculos que tornam visível a desvalorização desse idioma em sala de aula. Diante de todas essas dificuldades é necessário a busca permanente para que os professores busquem superar esses empecilhos.

Portanto o que se deve verificar é que em decorrência dos desafios existentes o ensino da língua inglesa nas escolas públicas e privadas, professores e alunos precisam sim manter em parceria, para assim superar os problemas juntos e lutar para que esses sejam solucionados para que o aluno seja um cidadão crítico e consciente livre de preconceitos, que aceita e respeita as diferenças, a pluralidade cultural. Trazendo assim uma realidade do ensino de Língua Estrangeira mais conceituada e amigável ao conhecimento. Além disso, outras metas devem ser seguidas, como mudanças nas abordagens didáticas e temáticas no ensino da língua.

2.2 A Educação Inclusiva: Aprendendo com e pelas diferenças

Faz-se relevante debater a relação das dificuldades enfrentadas pelos educadores em sala de aula, além do processo ensino e aprendizagem. O movimento em torno da educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos estarem juntos, aprendendo e participando sem nenhum tipo de discriminação. Para se fazer uma escola inclusiva, é necessário buscar uma reflexão contínua de métodos de ensino que acompanhe os avanços do conhecimento e das lutas sociais,

almejando constituir políticas públicas promotoras de uma educação com qualidade. Mantoan, (2003,p.17) afirma que:

Essa busca incansável de uma integração e uma verdadeira inclusão nas escola vem sendo preservado e regularizados nas leis, nos estatuto da criança e do Adolescente nas leis de diretrizes e bases da educação, outro documento de muita importância Declaração de Salamanca, porém ainda existe de outros: temos Decretos, Portarias que visam garantir todos os direitos à educação, determinando que as instituições possam adquirir e estabelecer espaços e formações escolares com novos métodos técnicas de ensino além de uma boa formação para os professores de ensino (Mantoan, 2003, p,17).

Os objetivos da educação especial são os mesmos da educação em geral, o que se diferencia é o atendimento, que passa a ser de acordo com as diferenças individuais do educando. Mas essas leis e direitos estão em processo de aplicação, alguns avanços já são percebidos e muitos alunos ainda enfrentam barreiras linguísticas e sociais. O capítulo V da modalidade de Educação Especial da LDB prevê que os alunos com deficiências, transtornos e altas habilidades ou superdotação devem ter atendimentos complementares ou suplementares de preferência na rede regular de ensino.

Segundo Sasaki (1997) “a inclusão social é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, no ambiente, espaços, equipamentos, aparelhos, utensílios, transporte e na mentalidade das pessoas, inclusive, da própria pessoa com deficiência” (Sasaki ,1997, p.19). Portanto, se faz necessário uma mudança de organização de serviços ofertados pela escola promover a inclusão desde o acolhimento até nas práticas educativas de sala de aula, na maneira de ter a percepção que todos os alunos são singulares.

As leis têm o intuito de reforçar os direitos à diferença a compreensão do ensino de uma língua estrangeira, no que tange às diferenças que são consideradas como um benefício para a diversificação de sistema e possibilidade de interações dentro de um contexto social, a fim de atualizar possibilidades e desenvolver as competências e habilidades de cada aluno. As dificuldades entre os obstáculos dentro de suas limitações são reconhecidas, mas, não conduzem nem restringem o processo de ensino. As dificuldades entre os obstáculos dentro de suas limitações são reconhecidas, mas, não conduzem nem restringem o processo de ensino.

2.3 Aspectos legais sobre TEA

O Brasil passou a abraçar um conjunto de leis que possam garantir que os direitos das pessoas com deficiência fossem assegurados. Assim é notável esse marco de conquista e

respeito com esses cidadãos. A Constituição Federal, de 1988 e outras leis que garantem o direito à Educação: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990; e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996.

Trazemos primeiramente a Lei Federal nº 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. O Projeto de Lei Suplementar (PLS), que estabelece os direitos fundamentais da pessoa autista e a equipara à pessoa com deficiência para todos os efeitos legais, cria um cadastro único com a finalidade de produzir estatísticas nacionais sobre o assunto. Ainda que a Lei estabeleça a criação de um cadastro único para a pessoa com (TEA) em 2012, somente 8 anos depois em 2020, é que por iniciativa dos movimentos sociais de pais e mães de autistas e dos próprios autistas adultos que a Presidência da República do Brasil, aprova o Projeto de Lei (PL) 2.573/2019, que criou Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que foi aprovado pelo Congresso Nacional no dia 11 de dezembro de 2019.

Dada as leis, Sassaki (2009) menciona que “os sistemas de ensino, nos termos da Lei nº 10.098/2000, a Lei da Acessibilidade e da Lei nº 10.172/2001, o Plano Nacional de Educação, devem assegurar a acessibilidade aos alunos que apresentem necessidades educacionais específicas, mediante a eliminação de barreiras arquitetônicas urbanísticas, na edificação [dentro da qual existem bibliotecas] – incluindo instalações, equipamentos e mobiliário e nos transportes escolares [acessibilidade arquitetônica] (Resolução CNE/CEB nº 2, de 11/9/01, art. 12). (Sassaki, 2009, p.3)

Assim é dimensionando um campo longo de direitos estabelecidos por leis que devido a um processo que possa contribuir para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações apropriado para a formação do aluno quanto a igualdade de oportunidades quebrando um paradoxo de preconceitos quanto às suas capacidades.

Segundo Mantoan (2004, p.3), as diferenças significam “um valor universal disponível a todos, desde os elementos de um dado grupo étnico, religioso, de gênero, à humanidade como um todo”, contudo não são todos os lugares do Brasil que adotam esse modelo como sistema educacional para os alunos com TEA, pois várias pesquisas apoiam o sistema educacional inclusivo como o caminho mais adequado para a educação de todos. E é nesse sentido de diferenças, que este trabalho se ancora. Mantoan (2007) acrescenta: “a diferença propõe o

conflito, o dissenso e a imprevisibilidade, a impossibilidade do cálculo, da definição, a multiplicidade incontável e infinita. Essas situações não se enquadram na cultura da igualdade” (Mantoan, 2007, p.321).

Diante de todos os direitos previstos faz-se necessário mobilizar reflexões com vista às mudanças comportamentais e atitudinais para que haja empatia, educação igualitária, bem como engajamento dos próprios sujeitos e seus familiares na busca contínua para melhoria da educação pública, gratuita e de qualidade. A educação é um direito igual e mais que necessário, sendo assim buscando sempre caminhos para chegar a esse objetivo, o processo educacional da pessoa com autismo e de qualquer outra criança não pode seguir uma grade curricular obsoleta. Esse ensino deve ser funcional, individual, focado na realidade do estudante e da escola, mas isso é responsabilidade de todos: da família, da escola e de toda sociedade em geral.

Mantoan (2000) enfatiza que: “no processo de inclusão; nossas ações educativas têm como eixos o convívio com as diferenças e a aprendizagem como experiência relacional, participativa, que produz sentido para o aluno, pois contempla sua subjetividade, embora construída no coletivo das salas de aula”. (Mantoan, 2000, p. 31).

Salientando que essas mudanças na educação brasileira, nessa perspectiva que se encontra venham depender de um conjunto de ações em nível de sistema de ensino que tem que se movimentar, a fim de garantir que todas as unidades que o compõem ultrapassem seus objetivos.

Sassaki (1997, p.85) contextualiza sua fala dizendo que “a sociedade inclusiva vai bem além de garantir apenas espaços adequados para todos. Ela fortalece as atitudes de aceitação das diferenças individuais e de valorização da diversidade humana e enfatiza a importância do pertencer, da convivência, da cooperação e da contribuição que todas as pessoas podem dar para construir vidas comunitárias mais justas, mais saudáveis e mais satisfatórias”. (Sassaki, 1997, p.8).

No entanto, o modelo de escola convencional, para desenvolver/construir os primeiros passos rumo ao mundo do conhecimento/aprendizagem, de certa forma, sempre esteve apenas preocupado com a ação didático-pedagógica de o aluno memorizar e acumular informação/conhecimento para posteriormente realizar uma avaliação.

O processo de aprendizagem incide em ampliar as formas de conceber o mundo. No momento de uma explicação, além do criterioso tratamento aos conteúdos o professor precisa considerar as diferentes estratégias de comunicação, a fim de abarcar as especificidades de seus alunos, com interesses, motivações, ritmos de aprendizagem e diferentes habilidades cognitivas (Martins, Ogborn e Kress, 1999).

O docente é visto como o mediador do processo ensino e aprendizagem, desse modo ele deve pesquisar/pensar em meios que possam motivar mais os seus alunos a aprenderem por meio de novas metodologias e instruí-los para que as informações decorrentes desses novos métodos se tornem significativas; e, ainda, ajudar os mesmos na construção do conhecimento.

A inclusão educacional da criança com TEA trata-se de uma tarefa coletiva que não depende apenas da família e dos educadores para que ocorra da melhor maneira no âmbito escolar, mais de um trabalho coletivo, não diferenciados o dever como todos. A Constituição de 1988 assegura:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Brasil, 1988).

A família é base fundamental na constituição do desenvolvimento do aluno, por isso se faz necessário essa aliança. É nesse núcleo que eles aprendem a conviver com as diferenças uns dos outros, a respeitar a individualidade de cada um, a construir afetos e valores que serão o alicerce para a conquista de uma melhor qualidade de ensino.

Manter o contato com os pais ou responsável, passando informação sobre as evoluções sobre as atitudes e reações do aluno, tentar fazer uma aproximação professor, escola e família trará mais confiança e um melhor desenvolvimento desses alunos.

2.4 Introduzir o aluno com TEA e a inclusão no processo de ensino

Antunes (2004, p,44) diz que a expressão autismo foi utilizada pela primeira vez por Bleuler em (1911), para designar a perda do contato com a realidade, o que acarretava uma grande dificuldade ou impossibilidade de comunicação desses alunos.

Assim, o TEA, como é conhecido, é um conjunto de ações das funções involuntárias envolvidas no desenvolvimento humano, tais como: as relações sociais e afetivas, a comunicação e a linguagem. É preciso conscientização, amor, respeito e conhecimento para lidar com TEA.

Segundo a Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2013), o termo TEA, consiste em um transtorno referente ao neurodesenvolvimento, sendo utilizado pela primeira vez em 1911, pelo suíço Eugen Bleuler, psiquiatra que buscava caracterizar a esquizofrenia. Porém só em 1943 o autismo teve uma proporção maior através do psiquiatra Leo Kanner, que em suas primeiras pesquisas já abordava características do autismo de forma relevante (Santos,Vieira, 2017).

Andrade (2017) afirma que há várias formas de manifestação do autismo, podendo variar em grau, justificando com isso o uso da palavra espectro. Temos algumas variações para o termo autismo: autista que não estabelecem contato visual com as pessoas nem com o ambiente; que conseguem falar, mas não usam a fala como ferramenta de comunicação além da dificuldade de compreensão nas formas mais graves, demonstram ausência completa de qualquer contato interpessoal. São crianças mais isoladas. A causa do autismo, na maioria dos casos, é genética. Tem autista de nível 1, 2 ou 3 de suporte.

Autista de mais alto desempenho, apresentam as mesmas dificuldades dos outros autistas, mas numa medida bem reduzida. São mais comunicativos e bastante inteligentes. E por fim os menos perceptível que chama de Distúrbio Global do Desenvolvimento sem outra Especificação (DGDSOE), são considerados dentro do espectro do autismo, contendo também dificuldade de comunicação e de interação social, mas os comportamentos são bem menos notáveis. Distanciando das categorias específicas do transtorno, tornando o diagnóstico muito mais difícil de compreensão.

A escola e os profissionais da educação, em alguns casos, desconhecem o autismo. De acordo com Santos (2008):

A escola recebe um aluno com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com alunos autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área. (Santos, 2008, p. 9)

O aluno com TEA, em alguns casos, encontra algumas dificuldades ao ingressar na escola regular. Sendo assim, muitas vezes, um desafio a adaptação do discente à instituição e ao professor da turma. Essa familiarização entre aluno e professor, torna-se um processo gradativo, cabendo ao docente buscar suporte e estabelecer uma parceria com a equipe da escola, familiares e dependendo da situação de recorrer a outros profissionais (psicólogos, fonoaudiólogos). A escola faz parte desse processo para acolher e ensinar esse aluno, sendo muitas vezes, o professor a figura central dessa mediação.

Ao falar de família, estamos falando do centro (núcleo) de uma sociedade, sendo esse meio importante para o desenvolvimento da criança. Assim sendo possível entender que o apoio familiar para a recepção de uma criança autista é decisivo no processo de inclusão e indispensável para que ele possa construir-se pessoalmente e participante da sociedade, o desenvolvimento dependerá da convivência em que ele estará inserido. Quanto mais acolhido ele se sentir, mais fácil será seu desenvolvimento no âmbito social.

A melhor forma de adaptação é consequentemente buscar reflexão sobre a aquisição do conhecimento e das abordagens que se destinam ao ensino dos alunos com TEA e oferecer a oportunidade de ajudar na compreensão de conceitos complexos, estimular a imaginação e a criatividade, que visa o aprendizado e gera o desenvolvimento dos processos mentais superiores ocorrendo de forma simples.

Diante dessas propostas metodológicas de ensino para a pessoa autista deve haver uma modificação conforme as necessidades e transtornos apresentados pelo aluno autista, além da contribuição da professora especializada, do apoio imprescindível da família e de outros profissionais. Segundo Fumegalli (2012, p. 40) que:

A formação continuada deve ser objetivo de aprimoramento de todo professor, porque o educador deve acompanhar o processo de evolução global, colocando a educação passo a passo no contexto de modernidade, tornando-a cada vez mais interessante para o aluno, a fim de que ele possa compreender que, na escola, ele aperfeiçoa sua bagagem”. É nesse processo que o professor pode ver e rever sua prática pedagógica, as estratégias aplicadas na aprendizagem dos alunos, os erros e acertos desse processo para melhor definir, retomar e modificar o seu fazer de acordo com as necessidades dos alunos. (Fumegalli, 2012, p. 40).

A partir disso, é observado a importância do papel do professor, além de ser um educador, orientador tem a importância de estimular essa aprendizagem, favorecendo um desenvolvimento da saúde mental e física ao discente. É certo que o professor deve respeitar suas limitações, porém não deixa de contribuir com sua participação na educação desses alunos.

Entretanto, a participação da família junto às atividades escolares possibilita um resultado de sucesso ou fracasso para um processo inclusivo do aluno com TEA na escola, os dois precisam andar juntos, entrelaçados, seguindo um mesmo objetivo, em prol do desenvolvimento cognitivo do ser humano.

A educação inclusiva é uma prática em edificação, por isso deve ser constantemente discutida, com o intuito de sobrepujar os desafios atribuídos por ela. O professor deve ser estimulado e apoiado pelos gestores para poderem dar conta de ressignificar sua prática e atuar na diversidade. (Moreira, 2010, p. 217-236).

É preciso que todos tenham consciência de que alunos com deficiência têm as mesmas necessidades que os demais alunos, por isso, não se pode discriminá-los nem afastar do convívio social, permitindo sua convivência na sociedade.

Valendo ressaltar ainda que a formação do professor engloba os serviços de apoio que a escola pode dar, a seriedade da coerência com a família e o trabalho em equipe com a participação dos gestores (Fernandes, 2011).

Buscando ressaltar a importância das estratégias de nas variedades de alternativas e possibilidades para planejar aulas de formas diferenciadas com a finalidade de fortalecer e fornecer aos estudantes, possibilidades para que alcance o objetivo previsto. O professor deve atentar se às mudanças significam dos avanços tecnológicos subtraindo uma carga máxima depositados exclusivamente no professor.

O uso de formas e procedimentos de ensino deve considerar que o modo pelo qual o aluno aprende não é um ato isolado, escolhido ao acaso, sem análise dos conteúdos trabalhados, sem considerar as habilidades necessárias para a execução e dos objetivos a serem alcançados (Luckesi, 1994, P. 105).

Dando importância na influência do professor em relação ao ensino e aprendizagem no contexto da inclusão escolar e refletir sobre o papel do educador no contexto educacional, portanto essa relação colaborativa entre a família, a escola e a sociedade consistem no fornecimento de diferentes opções de compreensão de maneiras diversificadas para que todos os alunos possam melhor compreender e desenvolver conhecimento. Essa participação é decisiva no processo de integração/inclusão.

METODOLOGIA

Teoricamente visamos atingir os objetivos propostos com as ideias dos autores (Severino, 2007), (Gil, 2002) para fundamentar a metodologia. Podendo definir a pesquisa

como um procedimento racional e sistemático, cujo objetivo é proporcionar respostas aos problemas que são propostos (Gil, 2007). Assim será uma pesquisa desenvolvida que será de caráter qualitativo, utilizando-se de questionário para os professores de ensino de língua inglesa com alunos autistas no ambiente escolar, mediante questionário podemos entender quais são as dificuldades e ações pedagógicas desenvolvidas para o ensino aprendizagem deste aluno incluso na escola.

Na pesquisa de campo a qual é utilizada com o objetivo de obter informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta. (Prodanov; Freitas, 2013). Do que se trata educar alunos por meio da língua inglesa, buscando abrir reflexão sobre a temática na atuação de ensino dos professores da escola pública. Pesquisas qualitativas, o conjunto inicial de categorias em geral é reexaminado e modificado sucessivamente, com vista em obter ideais mais abrangentes e significativos.

3.1 Procedimentos Metodológicos O estudo foi realizado com um professor de inglês que ministra aula numa escola pública dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio na cidade de Janduí-RN e uma professora da Educação Especial que acompanha uma discente com TEA de 16 anos na turma da 2ª série do Ensino Médio. Os professores foram selecionados por meio de critérios: ser graduado em Letras-Inglês/ ser especializada em acompanhar o aluno com TEA em sala de aula; ministrar/ acompanhar aula numa turma que tenha aluno com TEA nos Anos Finais ou Ensino Médio de uma escola pública; e possuam disponibilidade e interesse em participar da pesquisa.

Os dados foram construídos por meio de questionários on-line, elaborados pela ferramenta de serviço *Google Forms*, com os professores participantes. Os dados serão analisados por meio da análise de conteúdo, buscando identificar as discussões emergentes que respondam aos objetivos do estudo.

3.2 Sujeitos da pesquisa

Torna-se interessante apresentar os professores que colaboraram com a pesquisa. É importante destacar que visando preservar a identidade das professoras participantes, foram utilizados nomes fictícios para construção da pesquisa. Para a realização dessa pesquisa, foi selecionado 1 professor de inglês e 1 professora de educação especial. Carlos atua numa Escola no município de Janduí/RN, graduado em Letras-Inglês, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), é especialista em Educação Profissional, Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), e possui 18 anos de experiência.

Sandra é uma professora de Educação Especial Nível Superior, Letras-Libras, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Possui especialização em Libras e em Educação Especial e Inclusiva e está há três anos atuando na área da educação na referida Escola Pública.

3.3 Os instrumentos utilizados na pesquisa

A princípio, devo comentar que a escolha da realização desta escola para a pesquisa se atribui ao fato de trabalhar na mesma instituição e ter conhecimento do ensino para com os alunos com TEA, além de conhecer os professores. Bem como pelo imenso desejo de contribuir para a promoção de um ensino inclusivo na escola pública, como mencionei no início deste escrito, portanto tivemos total apoio dos demais professores e equipe para a realização desta pesquisa.

Os instrumentos utilizados para a construção dos dados foram questionários on-line, elaborados pela ferramenta de serviço *Google Forms*. Justifica-se pela escolha desse instrumento de pesquisa, pois neste momento da pesquisa a escola estava no período de férias, inviabilizando assim, de fazer uma entrevista presencial com os professores, por isso optamos por um questionário. Sendo constituídos no total de seis (06) perguntas semiestruturadas para o professor de inglês, e seis (06) perguntas semiestruturadas para a professora de educação especial. As perguntas foram enviadas via e-mail aos participantes da pesquisa.

3.4 Contexto de realização da pesquisa

A pesquisa foi realizada numa escola pública. Ela está situada na cidade de Janduís, Rio Grande do Norte, onde os habitantes são conhecidos como “Janduienses.” Em 2022, a população era de 4.746 habitantes e a densidade demográfica era de 15,64 habitantes por quilômetro quadrado, segundo dados apontados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE.(2023). Vizinho dos municípios de Campo Grande, Messias Targino e Caraúbas, Janduís se situa a 29 km a Sul-Leste de Caraúbas, a cidade mais próxima nos arredores. A distância entre Janduís e Natal, capital do Estado, é de 288 km. Tendo como atividades econômicas Agricultura, Pecuária e pequenos comerciantes. Ainda conforme a Secretaria de Saúde e saneamento básico do município Janduís e algumas atípicas, há um número aproximado de 50 (cinquenta) crianças com TEA.

A Escola é uma das instituições de ensino mais antigas do município, iniciou suas atividades educacionais no ano de 1978 com o objetivo de oferecer o Ensino Fundamental – Anos Finais – sendo implantado de forma gradativa e depois para o Ensino Médio. Aqui podemos ver um pouco da história da escola na comunidade de Janduís- RN.

Então, no início da década de 1980, houve a necessidade de ampliação da educação no município de Janduís/RN, que era moderada. Atualmente atende a um público de 350 alunos, sendo 142 matriculados nos Anos Finais do Ensino Fundamental no turno da manhã, e 208 no Ensino Médio, que ainda é distribuído nos turnos vespertino e noturno. Essa escola, apesar de seus desafios, tem contribuído significativamente para a educação municipal.

Quanto ao espaço visual da escola, ela é considerada uma estrutura com bom estado de conservação, possui ainda plantas e flores. A instituição possui: 06 salas de aula, 01 biblioteca, 01 sala dos professores, 01 secretaria, 01 depósito, 01 cozinha, 2 refeitórios, 02 banheiros para alunos (masculino/feminino) e 02 para funcionários (masculino/feminino), arquivo 01, direção, recepção e depósito. As salas de aula são amplas e climatizadas, favorecendo o trabalho dos professores, já que a cidade está localizada no semiárido e, portanto, possui um clima quente.

3. VOZES DOS DOCENTES QUE ENSINAM DISCENTES COM TEA

Neste tópico, apontamos as questões que utilizamos nos questionários com professores colaboradores da nossa pesquisa. Foi abordado nas perguntas, assim apresentamos as respostas dos professores. Assim prosseguimos com as análises de cada uma, ancorados pelas ideias/concepções de alguns autores.

Inicialmente, questionamos sobre o planejamento, métodos das aulas para uma turma inclusiva pelo professor de inglês e se tem colaboração da professora de apoio da educação especial. Carlos respondeu o seguinte:

Sempre elaboro planejamentos de forma geral para toda a turma, porque não tem a devida necessidade de fazer uma aula diferenciada, o que precisa é incluir o aluno na aula normal e somente na hora da avaliação é que avalia as necessidades do aluno. Visto que ele precisa ser incluso e não excluído com aulas diferenciadas, apenas ser avaliado de forma diferenciada. (Professor Carlos)

Para entender ainda melhor esse apoio dado pela professora ao método de planejamento, Sandra respondeu; “*faço planejamento com adaptação em todas as atividades de inglês, sejam elas em classe ou atividade para casa, sendo feitas apenas as devidas*

adaptações somente para essa aluna”. Ela diz ainda que dependendo do assunto abordado, existe um pouco de dificuldade por não ser assunto do domínio dela, mas, sempre conta com o apoio do professor titular da referida disciplina.

Diante da resposta obtida, é nítida a preocupação e o cuidado que eles têm com o ensino para com seus alunos, preocupando-se com o efeito que o ensino tem na organização da vida desses alunos, e o quanto o ensino de qualidade pode beneficiar o conhecimento desses alunos. Contudo, Carlos não apresentou seus métodos metodológicos, enquanto Sandra destacou algumas metodologias utilizadas para elaboração das atividades para sua aluna na sala.

Valdomiro Polidório (2014, p. 344) afirma que “é muito importante que os professores, a partir de suas experiências, percebam qual é o método mais adequado para sua realidade”. Ainda sobre planejamento, (Tesani, 2010. p.292) aponta “alguns passos importantes para desenvolver e construir uma comunidade inclusiva que engloba o planejamento e o desenvolvimento curricular”. Familiarizando esse processo de aproximação com a comunidade e participando do planejamento escolar, afirmando a importância da relação entre gestor escolar, educação e planejamento escolar.

Para entender melhor o papel do docente diante de uma turma inclusiva, Carlos respondeu que é *“possibilitar uma visibilidade para o aluno, um apoio mais reflexivo, diante da colaboração”*. Já Sandra afirma *“a importância deste professor em sala, que além da paciência e compreensão, é procurar saber mais informações sobre essa necessidade com um olhar mais reflexivo além de ter o interesse na metodologia utilizada”*.

Para Freire (2003, p. 52) “o papel do professor e da professora é auxiliar o aluno e a aluna a descobrirem dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria”. O educador pode ensinar o educando a ser livre ou submisso, seguro ou inseguro; disciplinado ou desordenado; responsável ou irresponsável; competitivo ou cooperativo (Bordenave, Pereira, 1995). Rever suas estratégias pedagógicas, ainda complementam com a importância do trabalho em equipe, sabemos que além de professor, temos um incentivador e um mediador de ensino enquanto educador.

É importante realçar, para que esses alunos tenham interesse pela aprendizagem é importante que deve haver um conjunto de ideias tanto do professor da sala comum como do professor do AEE, assim tive o interesse de saber se os alunos da sala de aula tinham interesse pelas aulas de inglês, se havia participação dos alunos, Carlos respondeu que:

Por se tratar de uma língua diferenciada alguns demonstravam mais interesse e participação que outros e que a interação variar de interesse pessoal e da dinâmica de conteúdo. Enquanto para responder essa questão, a Sandra abordou que: “os alunos com TEA demonstram o mesmo interesse quando é uma aula dinâmica, com atividades de jogos, música e etc., para tanto é importante a compreensão que a pessoa com deficiência também progride e atravessa etapas durante seu processo de desenvolvimento assim falamos da importância do trabalho em grupos na busca de uma estratégia didática que auxilia e favorece a aprendizagem dos alunos com e sem deficiência (...) (Professor Carlos)

Portanto, para que o ensino e aprendizagem da Língua Inglesa para alunos com TEA aconteçam da melhor forma possível, é fundamental que estejamos sempre atentos com o interesse dos alunos, apresentar o conteúdo de uma maneira contextualizada, atrativa, respeitando as singularidades, realizar trabalhos em grupo, são algumas estratégias metodológicas que são realizadas em sala.

Diante dos desafios enfrentados no ensino da língua inglesa nesse contexto educacional, no que se refere ao ensino-aprendizagem da Língua Inglesa mediante a um processo de inovação sobrepondo reflexões e reconstruções das práticas docentes. A metodologia utilizada em sala de aula é de grande importância para a construção de um ensino inclusivo. Carlos abordou:

A maior dificuldade da educação básica não é o tempo, que muitos apontam a falta de material e capacitação. Porém, a disciplina de inglês, está completamente fragmentada, que é desumano um professor ter 24 turmas de uma vez, turmas essas com quase 40 alunos e algumas com mais que isso, a sobrecarga e a fragmentação do ensino são as verdadeiras barreiras, é isso que dificulta um ensino de melhor qualidade, sobretudo ao aluno especial. Quanto às possibilidades, elas são mínimas ao ter 800 alunos para atender. Infelizmente essa é a realidade da educação nacional. (Professor Carlos)

A respeito da metodologia, Sandra respondeu que:

Em seu processo metodológico, ela faz adaptações de todas as avaliações da aluna que acompanha, priorizando o que ela mais gosta, tanto como uma maneira dela compreender como também uma forma dela participar nas aulas, sempre utilizando imagens, formas lúdicas, atividades que ela possa colorir, ao ser uma maneira que ela fica em sala. (Professora Sandra)

Tomando os dados sobre a percepção desses professores, a metodologia utilizada pelo educador pode ensinar o educando a ser livre ou submisso, seguro ou inseguro; disciplinado ou desordenado; responsável ou irresponsável; competitivo ou cooperativo (Bordenave, Pereira, 1995). É perceptível que o professor de inglês e a profissional da educação especial recorrem a metodologias que melhor atendem às necessidades específicas da discente com TEA. Diante de vários recursos metodológicos que temos disponível o acesso a esses recursos garantia uma aula mais inclusiva e produtiva, porém o professor Carlos não apresentou mais detalhes nas suas

respostas, portanto não tem como saber quais recursos seria mais aceitável para se fazer uma aula mais inclusiva.

Conforme a LDB nº 9.394/96, a educação especial é uma modalidade de ensino da educação básica brasileira que faz parte de todos os níveis do ensino, buscando um atendimento para o público que necessita de um acompanhamento escolar mais focado na sua especificidade, assim ficará disponível serviços e recursos que facilitará para os professores e estudantes o processo de ensino e aprendizagem. Nesta perspectiva, direcionei a discussão sobre as metodologias de aprendizagem de inglês que poderiam contribuir para a vida dos alunos com autismo.

Carlos explicou que: *“existem casos de pessoas com TEA que tem o hiperfoco em algo, principalmente em outra língua, no caso o inglês abre no aluno uma nova visão de mundo, então um aluno autista, pode encontrar em outra língua um mundo de possibilidades de aprendizagens e desenvolvimento”*. Essa fala do professor de inglês foi relevante ao demonstrar que ele tem conhecimento sobre o TEA e vê no sujeito autista, um ser em potencial, pois o aluno com TEA, pode sim ter o hiperfoco em línguas, ter interesse pela língua inglesa e se desenvolver plenamente. Ter essa percepção faz toda a diferença no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse pensar, Sandra responde: *“é importante sempre estimular, mostrar diferentes maneiras que despertam o interesse desses discentes com TEA, mostrando um novo mundo a ser explorado, buscando priorizar algo que ele goste, seja com desenhos, músicas, objetos, tecnologias, partindo da primícia que eles são capazes de tudo que quiserem ser e fazer, basta serem compreendidos e respeitados*.

Neste caso, concordo com Carvalho (2006, p. 36) que a educação inclusiva pode ser explicada como um movimento contra qualquer tipo de exclusão que venha ocorrer nos espaços educacionais do ensino regular. Diante dessa afirmação, observamos que sempre existirá algumas barreiras que impedem a participação e a aprendizagem desses alunos, provocando algo desafiador ao processo inclusivo. Assim é importante a reflexão dos professores e de toda a escola quanto ao ensino e aprendizagem quanto a esses alunos com TEA. Diante da resposta de Carlos não menciona os recursos utilizados, dificultando uma análise abrangida desses recursos metodológicos.

Para analisar o objetivo e o processo educacional da pessoa com autismo e seus modos avaliativos em sala de aula, Carlos responde que;

Priorizar o que o aluno gosta e o que ele se sente confortável para desenvolver em sala. Além da participação em debates em sala, as atividades desenvolvidas em sala e extra sala, convívio e como se relaciona em sala e fora de sala, tudo são maneiras de avaliá-los, porém, sempre respeitando as habilidades e competências da BNCC. Outro ponto importante e bastante decisivo e considera de suma importância: respeitar os limites desses alunos e ter bastante paciência. (Professor Carlos)

Para fortalecer essa tese Sandra afirma: *“com sua contribuição procura não diferenciar as atividades, mas sim, observar quais habilidades ela conseguiu compreender dentro daquele objetivo, ou seja, tentar integrá-la, pois sempre haverá uma adequação de realidades que ela faça o melhor possível dentro da sua limitação”*.

Neste contexto, a avaliação da aprendizagem é defendida por Luckesi (1995, p, 173) como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. Ambos os professores conhecem a realidade da aluna com TEA e adequam as avaliações às especificidades dela. É relevante compreender que o processo de aprendizagem da pessoa com deficiência, em um processo pedagógico além de prática permanente no processo de ensino e aprendizagem, assim não se pode pensar numa avaliação sem integrar uma reflexão sobre esses aspectos cognitivos.

Considerando toda essa reflexão valiosa sobre os desafios do ensino do inglês para alunos com TEA, é importante destacar que os professores relataram que fazem a adequação das atividades, avaliações nas salas de alunos com TEA, embora no início parecesse muito difícil, estão conseguindo avançar, de acordo, com os seus objetivos. Contudo, no contato com esses alunos os professores conseguiram ajudá-los quanto à adaptação em sala de aula, sempre buscando uma didática e um metodologia que faça toda diferença na aprendizagem de seus alunos. Além de evidenciar que o ensino de inglês para alunos com TEA é indispensável, considerando a importância da utilização como língua de comunicação internacional para diversos fins.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral investigar qual (is) o (s) desafio (s) e caminhos possíveis do professor de inglês possui no ensino de aluno com TEA, na perspectiva de proporcionar um ensino mais significativo para o educando.

Ressalto que o ensino da Língua Inglesa requer uma maior adaptação e aprimoramento para que assim todos os alunos despertem para esta disciplina, e percebam como a aprendizagem e desenvolvimento de uma segunda língua, como o inglês, é fundamental para a sua vida pessoal, educacional e profissional, não sendo apenas compreendida como uma matéria complementar ou obrigatória em sua rotina escolar.

No que se refere à qualidade de ensino da Língua Inglesa em escola pública é importante destacar a escassez de estrutura dos municípios do interior do estado, tanto na qualificação dos professores quanto nas estruturas educacionais voltadas ao ensino do idioma, avaliando as diferenças entre os alunos, os professores, frisaram a importância do trabalho em equipe para despertar o interesse dos alunos e tornar as atividades acessíveis também no sentido de dar a todos os alunos o acesso a tarefas que valorizam sua capacidade.

Diante das respostas dos questionários, observamos que o ensino de inglês para alunos com TEA é indispensável, e as exigências das demandas do mundo globalizado que a utiliza como língua de comunicação; aumentar seu desenvolvimento intelectual e profissional além de ser fundamental para os estudos em Língua Inglesa, considerando que se propõe a refletir acerca de questões pertinentes em que estão ligadas ao processo de ensino e aprendizagem de uma L2.

É de grande relevância a inclusão e a qualificação do uso das metodologias e abordagens no ensino, articuladas com a formação e adequação do conhecimento. Partindo desse pressuposto, podemos concluir que esperamos que o presente estudo possa contribuir com pesquisas futuras sobre a formação do professor de inglês frente a uma realidade diversa e inclusiva, favorecendo o processo de ensino e aprendizagem de alunos com TEA, proporcionando momentos de reflexão com relação às práticas pedagógicas que estejam impedindo o desenvolvimento da aprendizagem deles.

No Ensino sempre existirá fases mais amenas e outras fases com mais desafio, mas como docente encontramos disponível técnicas, métodos para utilizar com esses alunos na educação, garantindo um fortalecimento dos processos de interações sociais. As interações entre aluno e professor favorece o desenvolvimento e o aprendizado. O professor pode utilizar de táticas educativas elaborando técnicas no processo de desenvolvimento, ao conhecer esses alunos os professores estabelecem uma educação mais afetiva e recíproca.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Flávio Aparecido de (Org.). **Autismo** [livro eletrônico]: avanços e desafios. – Guarujá, SP: Científica Digital, 2021.

ANTUNES, C. **O autismo, a afetividade e a educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

ANDRADE, J. M. **Teoria e prática da educação especial**. Manaus; UEA Edições, 2017.

BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, 2003.

BRASIL. **Lei nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Leis e Diretrizes da Educação. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm.

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: . Acesso em: 16 de janeiro de 2022.

BRASIL. **Dados da Educação Especial no Brasil**. Ministério da Educação, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/brasil.pdf>>. Acesso em 05/10/2022.

_____. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF:Senado Federal, 1988. Disponível em: 46 . Acesso em: 16 de janeiro de 2022.

CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva**: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2006. 176 p.FREIRE, P. & HORTON, Myles. O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social. 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

FUMEGALLI, Rita de Cássia de Ávila. Inclusão escolar: O desafio de uma educação para todos? Ijuí, 2012 – Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/rita%20monografia.pdf?sequence=1>. Acesso em: 07 de nov. 2023.

FERNANDES, S. **Fundamentos para Educação Especial**. 2 ed. rev. e atual. Curitiba: Ibpx 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/janduis.html>, acesso em 23/04/2024.

JUNIOR, Klaus Schlünzen et. Al. **Pesquisas do Ensino e Aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira**: Tendências e Perspectivas. Cursos de Especialização para o quadro do

Magistério da SEESP. Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Rede São Paulo de formação docente. 2012. [11]

LEFFA, Vilson J. **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. 2ed. Pelotas: EDUCAT, 2008.

LEFFA, Vilson J.; IRALA, Valesca Brasil. **O ensino de outra (s) língua (s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas**. Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, v. 2014, 2014.

LUCIO, A. P. A. ; BALBINO, E. S. ; FEIJO, H. K. O. **Pedagogia e Inclusão: das Concepções às Práticas Pedagógicas**. In: VII Colóquio Internacional - Educação e Contemporaneidade, 2013, São Cristóvão.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1995.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MANTOAN, Teresa E.; PRIETO, Rosângela G. In: ARANTES, Valéria A. (Org.). **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Ed. Summus, 2006. 103p.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão escolar** – O que é? Por quê? Como fazer?. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

MANTOAN, M. T. E. **Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha**. Educação, [S. l.], v. 32, n. 1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/675>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MANTOAN, M.T. E. **O desafio das diferenças nas escolas**. MANTOAN, M. T. E. (org.). Petrópolis /RJ: Editora Vozes, 2. ed., 2009.

MANTOAN, M. T. E. **Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha** Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 32, núm. 2, p. 319-326, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1171/117117241004.pdf>. Acesso em: 07 Nov. 2023.

MATOS, Estefânia Laryssa Lopes de. **Dificuldades e Possibilidades diante da Prática Pedagógica em Língua Inglesa: Um estudo de caso com um aluno autista**. 2014. 45 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras Habilitação em Língua Inglesa, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

MERCADANTE, Marcos Tomanik; ROSÁRIO, Maria Conceição do. **Autismo e Cérebro Social**. 1ed. São Paulo: Segmento Farma, 2009.

MOREIRA, A. **Pesquisador em currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 217-236.

PEDAGOGIA E INCLUSÃO: DAS CONCEPÇÕES ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS. Sd. O Autismo e a Aprendizagem Escolar em Só Pedagogia. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2024. Consultado em 10/09/2023 às 09:12. Disponível na Internet em <http://www.pedagogia.com.br/artigos/autismo/index.php?pagina=1>

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo**: um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2008.

SANTOS, Regina Kelly dos. VIEIRA, Antônia Maira Emelly Cabral da Silva. **Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)**: do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. Universidade Federal Rural do Semi-Árida. Coordenação Geral de Ação Afirmativa, Diversidade e Inclusão Social. Disponível em: Acesso em 10 de Novembro de 2023.

SASSAKI, Romeu Kazumi, 1938 - S252- **Inclusão**. Construindo uma sociedade para todos Romeu Kazumi Sasaki. - Rio de Janeiro: WVA, 1997. Rio de Janeiro l'76p.

_____. Romeu Kazumi. **Como chamar as pessoas que têm deficiência?** In: Vida Independente: historia, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos. São Paulo: RNR, 2003. P. 12-16.

_____, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SOUZA, A. L. A.; ANACHE, A. A. **A educação das pessoas com o transtorno do espectro autista**: avanços e desafios. Revista on-line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 24, n. esp. 2, p. 1035-1053, set. 2020. e-ISSN: 1519-9029.DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v24iesp2.14330>. Disponível em:<<https://www.redalyc.org/journal/6377/637766276007/637766276007.pdf>>. Acesso em: 23 de fev. 2024.

TESANI, T. C. R. **Gestão escolar**: A prática pedagógica administrativa na política de educação inclusiva. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. Edições Asa.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

POLIDÓRIO, Valdomiro. **O ensino de língua inglesa no Brasil**. Travessias, Cascavel, v. 8, n. 2, nov. 2014. ISSN 1982-5935. Disponível em: <<http://131.255.84.97/index.php/travessias/article/view/10480/7838>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnica da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

KUBASKI, Cristiane; POZZOBON, Fabiana Medianeira; RODRIGUES, Tatiane Pinto. Investigando a qualidade da inclusão de alunos com autismo nos anos iniciais. Florianópolis, 2015.

UPHOFF, Dörthe. **A história dos Métodos de Ensino de Inglês no Brasil**. In: BOLOGNINI, Carmen Zink. A língua inglesa na escola. Discurso e ensino. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 9-15. Disponível em:

https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4490214/mod_resource/content/5/Uphoff%202008.pdf. Acesso em: 12 de nov. 2023.

APÊNDICE: QUESTIONÁRIOS PARA PROFESSOR

QUESTIONÁRIO 1

Prezado professor, este questionário tem por objetivo conhecer um pouco de sua educação. Salientamos que sua identidade será preservada.

SEÇÃO 1. DADOS DO PROFESSOR PARTICIPANTE

Nome:

Idade:

Sexo:

Raça:

Escolaridade:

Área de educação:

Instituição:

Fez algum curso de educação continuada? Qual?

Tempo de serviço na rede estadual:

Tempo de serviço na escola atual:

Tempo de serviço lecionando para alunos em turmas de inclusão:

QUESTIONÁRIO 2

Prezado, professoro, este questionário tem por objetivo saber um pouco mais sobre sua atuação e sua opinião sobre o ensino de inglês na escola pública, especialmente em se tratando da criança com autismo.

1.Você faz planejamento da disciplina de inglês na perspectiva inclusiva para toda turma. Você tem alguma dificuldade? Tem alguma ajuda para elaborar esse planejamento?

2.Na sua opinião qual deve ser o principal papel de um professor de inglês em uma turma inclusiva?

3.Como você acha que a turma e os alunos com TEA veem as aulas de inglês? Eles demonstram interesse, participam?

4.Que tipo de metodologias você utiliza nas suas aulas para que ela se torne inclusiva?

5.Na sua opinião, de que forma aprendizagem de inglês pode contribuir para a vida dos alunos com autismo?

6.Quais instrumentos avaliativos você utiliza para avaliar os alunos com TEA?

QUESTIONÁRIO 3

Prezado, professor, este questionário tem por objetivo saber um pouco mais sobre sua atuação e sua opinião sobre o ensino de inglês na escola pública, especialmente em se tratando da criança com autismo.

1.Você faz planejamento da disciplina junto com o professor de inglês? Você tem alguma dificuldade para elaborar esse tipo de planejamento?

2.Na sua opinião qual deve ser o principal papel de uma educadora especial para com um aluno TEA ?

3.Como você acha que o aluno com TEA veem as aulas de inglês? Eles demonstram interesse, participam?

4.Quais as dificuldades e possibilidades encontrada nesse ensino para crianças com TEA ?

5.Na sua opinião, de que forma a aprendizagem de inglês pode contribuir para a vida dos alunos com autismo?

6.Quais instrumentos avaliativos você utiliza para avaliar os alunos com TEA?